

PARA QUE TEOLOGIA? THEOLOGY FOR WHAT?

*Armando Tambelli Junior
Diego Antônio da Silva
Elisvaldo Vieira dos Santos
Paulo Chiweca Cipriano
Rodrigo Ezequiel Golan
Raimundo Maciel Ribeiro**

* Alunos do primeiro ano de Teologia do ITESP. Este texto foi elaborado sob a supervisão do professor Marlos Aurélio da Silva.

Resumo:

O texto¹ traz como motivação de fundo a seguinte questão: para que serve a Teologia? Visando então responder ao questionamento feito, os(as) alunos(as) expõem que a teologia como um campo do saber, sistematizado e regido por regras que também se aplicam a outras disciplinas e áreas de conhecimento, tem certamente um lugar próprio e relevância entre os outros saberes. Por isso deve haver um espaço de diálogo e de construção do conhecimento para afirmar que a teologia é ciência. Considerando que seus pressupostos não são dados míticos ou construções fantasiosas, mas dados que podem reivindicar o estatuto de ciência. A ciência teológica está no mesmo patamar das grandes construções metafísicas da razão moderna, dos primeiros filósofos, porque ela tenta responder a questões que se dirigem diretamente à realidade e aos desdobramentos dos comportamentos históricos do humano. A teologia tem muito a dizer, não só partindo das bases do Magistério e da Tradição da Igreja, mas também de acordo com os diferentes processos e transformações, dos quais somos testemunhas. A ciência da fé tem muito a falar sobre o homem, sobre as relações que se estabelecem numa sociedade, sobre a justiça, entre outras realidades. Ela tem um alcance capaz de questionar todos os espaços de produ-

¹ O texto que segue é fruto de um exercício de reflexão dos alunos e alunas do curso Pro-pedêutico de Teologia (1º ano) do Itesp, na disciplina de Introdução à Teologia, a respeito de uma temática relevante e pertinente para quem adentra o universo teológico.

ção do conhecimento. São esses então alguns dos motivos que podem justificar e responder à pergunta de por que ainda tem sentido estudar teologia. Mesmo porquê a teologia não existe para si mesma, mas para a fé, o amor, a prática evangélica e, sobretudo, para a caridade cristã.

Palavras-chaves: ciência, vida, Deus, liberdade, conhecimento

Abstract:

The text has as its motivation the following question: what is the use of theology? Regarding the answer for the questioning, students expose that theology, as a field of knowledge, systemized and ruled by norms which also apply to other disciplines, certainly has its own place and relevance among other sciences. For that reason, there must be space for dialog and construction of knowledge to affirm that theology is a science. Considering that its conjectures are not mystical data or fantasy constructions, but data that can claim the statute of science. The theological science is on the same level as big metaphysical constructions of modern reason, from the first philosophers, because it tried to answer questions directed to the reality and the unfolding of human historical behavior. Theology has a lot to say, not only from the basis of Magisterium and Traditions of Church, but also according to the different processes and transformations, of which we are witnesses. The science of faith has a lot to talk about man, the relationships established on a society, about justice, among other realities. It has a reach capable of questioning all spaces of production of knowledge. Those are some of the reasons that may justify and answer why it still makes sense to study theology. As a matter of fact theology does not exist for itself, but for faith, love, the evangelical practice and, most of all, for Christian charity.

Keywords: Science, life, God, freedom, knowledge

² Cf. M. CHAUÍ, *Convite à filosofia*, Ática, 2000, p. 12-13; 18. E tal asserção é aqui também entendida como uma práxis teológica, no âmbito do seu diálogo com as ciências, nas épocas de seu desenvolvimento teórico, em especial destaque, na modernidade.

Introdução

A teologia é a ciência da fé e procura dar razões para a peregrinação do humano até Deus. O nosso objetivo aqui é esboçar uma chave de interpretação do conhecimento teológico a partir de seus usos. Visamos na verdade responder à seguinte indagação: *Para que Teologia?*² Tal espaço de transeunte é de rupturas, construções e desconstruções, ao passo que, torna possível alçar e alavancar uma caminhada de elaboração e transformação da realidade, a partir da própria

humanidade do humano. A interpretação do mundo, as relações humanas podem se encaixar numa dinâmica que foge das estruturas de um diálogo que se restrinja à realidade aparente, ao dado inerente e ao material. Daí nasce o discurso metafísico, que tem sua finalidade na elaboração especulativa do que está no âmbito da imaterialidade do conceito.

A teologia como discurso, como ato de fala está presente nas diferentes camadas do pensamento humano. Podemos, para tanto, pensá-la desde os gregos, em uma raiz ocidental, e pensá-la nos desdobramentos da transcendência humana e na própria capacidade de elaboração do ser humano. Ela nasce nos primórdios do mundo ocidental como parceira da filosofia e desenvolve-se como discurso possível da realidade em vista dos vários comportamentos humanos.

No primeiro eixo temático falamos da relação íntima entre a fé e a vida como condições do discurso teológico. As dimensões da fé e da vida são complementares, ou seja, não se pode falar de uma excluindo a outra, ou ainda, levantar questões que não perpassem ambas as dimensões. A vida não exclui a fé, ela afirma suas possibilidades e a fé vem ao encontro da vida para lhe dar sentido.

No segundo eixo propomos um caminho de interpretação da ciência, da teologia e da relação que deve existir entre ambas, o que nos levará a uma tentativa de, no discurso, pensar uma ética científico-teológica. A linguagem teológica é a maneira de traduzir em conceitos os dados da fé e da especulação do teólogo. Ela é capaz de conduzir, conceitualmente, as direções que a reflexão vai tomando dentro do horizonte histórico, que é por natureza, hermenêutico.

No terceiro eixo nos perguntamos explicitamente *para que teologia* a partir de uma contextualização possível. Tentamos apresentar conceitos e possíveis caminhos éticos para o fazer teológico e a construção de um espaço relegado à teologia. Nesse sentido continuamos no caminho de um estatuto de paridade entre a teologia e as outras ciências.

O caminho a ser seguido não é novo, mas tem pretensões de acentuar as reflexões acerca do espaço epistemológico que é de direito da teologia como ciência que carrega em seu arcabouço um método, uma linguagem e um universo de conceitos. O problema será posto e evidenciado, basta que tenhamos a sensibilidade de olhar para o conhecimento teológico, não mais como um hospedeiro da metafísica, mas como uma reflexão capacitada para o diálogo na contemporaneidade, *no nosso mundo da vida, das experiências que são* lugares de acolher as transformações – as mesmas ocorrem

dentro e fora da nossa ambiência.

1. Teologia: compromisso com a fé e a vida

Alguém se torna teólogo vivendo, ou melhor, morrendo e tomando posições⁴ (Lutero).

⁴ Citado por B. FORTE, *Teologia como Companhia*, Memória e Profecia. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 13.

Qual é, afinal, o conteúdo e o sentido da teologia? Eis uma pergunta que, ainda hoje, está cercada misteriosamente por incertezas e receios, mais do que em qualquer outro momento da história. Quando nos propomos a adentrar neste saber teológico, somos envolvidos, mais do que qualquer outro, por um véu misterioso, por tratar-se, em última análise, de conhecimento a respeito do mistério dos mistérios: Deus.

Diante da complexidade do mundo, marcado, muitas vezes, por uma forte tendência alienante, muitos julgam os estudos teológicos como desnecessário ou, até mesmo, como *tempo perdido*. Desta forma, a teologia deve renovar-se e vestir-se com roupas novas para tornar-se mais atraente e cobiçada.

Qualquer cristão, ao refletir sobre sua fé, ainda que inconscientemente, está exercitando a teologia em grau elementar. Todos os seguidores e seguidoras de Jesus, ao pensarem sobre sua fé em relação com a realidade atual, fazem teologia. Assim como todo saber tem seu mistério, a teologia nos convida a “tirar as sandálias dos pés” (cf. Ex 3,5) e nos aproximar, com abertura e interesse, a este novo horizonte que se descortina.

O aluno de teologia é chamado, desde o início, a exercitar o olhar crítico, refazer esquemas mentais e linguagens defasadas para falar com maior clareza de este saber. Além de se abrir ao processo de desconstrução das “verdades” inquestionáveis, quebrando preconceitos, lapidando convicções e adaptando posicionamentos que são sacralizados durante a vida. Este esforço acontecerá no interior de cada um, mas lhe estenderá do coração em novos temas e linguagens.

Sem dúvida alguma, muitas vezes, ele estará submetido a duas realidades antagônicas: ora envolvido com angustiantes inquietações e incompreensões, ora professando sua fé. Uma vez que a teologia é capaz de descer às profundezas existenciais de sua vida, para então, sair em gostos e palavras, em símbolos e ritos, em falas e escritos, em direção àqueles com os quais vive a aventura da existência ameaçada⁵.

A perspectiva da fé é um elemento irrenunciável da teologia. Ainda que esta realidade pareça simples, ela contém muitos desdobramentos. Por detrás desse esquema simplista, há um medo do novo e também uma compreensão equivo-

⁵ Cf. J. B. LIBANIO e A. MURAD, *Introdução à teologia: perfil, enfoques e tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 16.

cada sobre a fé. A história da humanidade nos revela, constantemente, o homem em busca do sagrado, de modo que, as diferentes religiões são tentativas de diálogo das culturas com o Absoluto, que nós nomeamos como *Deus*.

A teologia cristã é compreendida a partir da convicção de que Deus mostrou quem Ele é, manifestando o seu projeto de salvação para a humanidade. Deus é comunicação. Ele é que propõe a aliança com seu povo. A resposta a essa proposta de Deus está associada à profissão de fé. Portanto, só se pode fazer teologia porque, na fé, se acolhe a revelação de Deus⁶. Este pressuposto nos leva a fazer a experiência o mistério que envolve a teologia.

A teologia se desdobra em um tempo *kairológico*,⁷ que se descortina com a vida, de modo que, nos permite encontrar com as diferentes experiências de fé das comunidades eclesiais. Este exercício teológico deve ser assumido como ato amoroso, uma vez que sem amor pelas coisas da fé, a teologia se torna um trabalho forçado. Para aumentar o gosto desta ciência, é necessário aprofundar a própria experiência de fé.

A teologia deve estar, cada vez mais, reafirmando seu compromisso com o povo e em função da vida. Ela não determina um puro saber, mas se desdobra na aliança da fé e da caridade, no mistério da palavra e na diaconia. Deve estar contextualizada e inculturada. O que está em questão não é seu objeto, mas seu objetivo, não sua função, mas sua missão. A teologia não existe para si mesma, mas para a fé, o amor, a prática evangélica e, sobretudo, para a caridade cristã.

2. A teologia é ciência?

Todo conhecimento ou sistema (ciência) de saber traz a sua delimitação de objeto. No caso da teologia não é diferente, ao passo, que a mesma é delimitada por um discurso objetivo e racional. Adentrar nos estudos de teologia é caminhar por um trajeto que traz, em si, um mapeamento de pressupostos que delimitam as condições de possibilidade de traduzir o real, a partir de uma dinâmica de conceitos. A ciência ancora em si paradigmas importantíssimos sobre a moldura da realidade aparente, das condições de traduzir as dinâmicas externas e internas em conceituações, disposições dialéticas capazes de nos levar a uma reiteração com o meio, com o mundo e com o transcendente.

Nosso objetivo, aqui, é demonstrar as condições de possibilidade de pensar uma teologia como ciência. Iremos ca-

⁶ Revelação significa que Deus diz quem ele é e propõe a aliança com seu povo. A resposta a essa proposta de Deus se chama fé. Portanto, só se pode fazer teologia porque, na fé se acolhe a revelação de Deus. A. MURAD; P.R. GOMES; S. RIBEIRO, *A casa da Teologia*. Introdução ecumênica à ciência da fé. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 17.

⁷ O termo *tempo kairológico* é usado na teologia para descrever a forma qualitativa do tempo, como o *tempo de Deus* (a eternidade, imensurável e incontável), enquanto *khronos* é de natureza quantitativa, o *tempo dos homens*.

⁸ Pergunta fundamental: Qual é o objeto do pensar e do fazer teológico?

⁹ Qual é o limite da linguagem teológica, suas imbricações, seu horizonte hermenêutico e epistemológico.

¹⁰ Aqui compreendemos a teologia como uma ciência metafísica com pretensões de validação. Ao passo que a ciência moderna desconsidera a veracidade das premissas da *Ciência teológica*.

¹¹ Linguagem que empenha o sujeito em seu ato, cf. J. L. AUSTIN, *How to do Things with words*. New York: Oxford University Press, 1965.

¹² Cf. J. B. LIBÂNIO e A. MURAD, *Introdução à teologia*, Loyola, 2005, p. 16.

minhar, brevemente, por dois campos de compreensão, a saber, o primeiro, o *Fundamento da Linguagem teológica*,⁸ para depois compreendermos o segundo, *Peculiaridade da linguagem teológica*.⁹ A condição de possibilidade da linguagem teológica é determinada pela revelação de Deus, que aqui compreendemos como o Deus das Sagradas Escrituras Judaico-Cristãs, mediadas pelo Magistério e pela tradição da Igreja, onde se compreendem as produções dos Santos Padres da Igreja primitiva.

O conflito declarado entre Teologia e Ciências marcou a história da sociedade Moderna. De um lado a Igreja com sua fundamentação escolástica (Medieval), do outro a evolução das ciências modernas e a ascensão do humano (antropocentrismo), em vista do Teocentrismo, que buscava a justificação dos fenômenos na *vontade e ação* de Deus na história. Toda a compreensão baseava-se em uma questão, a saber, a fé como ponto de apoio de todas as pretensões de cientificidade. A questão navega entre o objeto de estrutura especulativa e as normas da própria ciência moderna, ao passo que, os estatutos de uma vertente não levam a uma conciliação entre a *Teologia e a Ciência Modern.a*.¹⁰ A contemporaneidade, o passar dos tempos acena para a gravidade de novos e velhos problemas, em relação à dialogia das Ciências com a Teologia. Como elaborar uma Ética do discurso científico-teológico?

A linguagem da teologia é *performativa*,¹¹ há um dado fundacional e denota pretensões de universalidade. Constitui, assim, uma linguagem basilar para uma compreensão científica. Falar de Teologia é comprometer-se com fazer ciência, do contrário, caímos em meras *Teodisseias*, ou seja, linguagens pré-científicas. A Linguagem teológica tem seu fundamento na palavra de Deus (Fundamento), seria a língua *mater* ou fundante da Teologia. A linguagem teológica deve estar aberta ao diálogo com outras categorias (*ad extra*) da Palavra de Deus. Com isso superará categorias que se limitem, exclusivamente ao discurso eclesiástico.

O aluno de teologia é chamado, desde o início, a esta tarefa exigente e ingente no sentido de continuar refazer esquemas mentais e linguagens defasadas para falar com maior contemporaneidade a si próprio e a seus coetâneos. Labor que acontecerá no interior de cada um, mas lhe extravasará do coração em novos temas e linguagem.¹²

O conhecimento científico é elaborado no limiar entre o mítico e o dado racional. É na raiz na concepção de investi-

gação que nasce a concepção de ciência como elaboração da alma; de um saber capaz de captar as nuances do real, daquilo que se efetiva no mundo, ou seja, daquilo que existe. É trabalhoso adentrar em um novo mundo linguístico, conceitual e que preexiste a nós, mas se faz necessária uma interação livre e dinâmica, nos sentirmos em casa, na casa da teologia.¹⁵ Como vimos, a teologia comporta um código linguístico ou um *jogo de linguagem*, ao passo que somos capazes de categorizá-la como um discurso racional, que obedece a uma sintaxe e a uma semântica. A casa da teologia, como citamos, é a gramática, o espaço de vida e o sentido ou a essência do fazer teológico reside no dado revelado, ou seja, naquilo que somos capazes de agregar sentido.

A teologia cumpre seu papel, sua razão de ser quando ela é capaz de agregar sentido e experiência justificável ao exercício da fé. Nos evangelhos conhecidos como Sinóticos há uma passagem, na qual, Jesus pergunta aos discípulos: *E vós quem dizeis que eu sou* (Mt 16,15 e Mc 8,27). É uma das perguntas fundamentais presentes no Evangelho, com a qual nos colocamos em relação direta com o Mistério e, por conseguinte, nos tornamos sujeitos da nossa própria opção fundamental e da nossa salvação.

A comunidade é o lugar privilegiado da experiência com Deus, e é também lugar teológico. É o lugar onde recebemos a fé, a vida, a comunhão, por conseguinte, aderimos ao projeto, onde já somos enxertados no Batismo e daí, atualizamos nossa resposta, que se faz diariamente, atualizada através do testemunho e da vivência do Evangelho, da palavra e dos Sacramentos. Mesmo não sendo capazes de esgotar a profundidade do mistério, somos capazes de doar sentido ao mesmo. Não há uma teologia para fora, ou deslocada da função humanística, que é seu espaço ético. Ela brota de uma experiência autêntica.

A pergunta fundamental que fizemos não é somente sobre a relação entre a teologia e as ciências, mas do espaço que deve haver de diálogo e de construção do conhecimento para afirmar que a teologia é ciência. Não lidamos com dados míticos, ou construções fantasiosas, mas com dados que podem reivindicar o estatuto de ciência. A ciência teológica está no mesmo patamar das grandes construções metafísicas da razão moderna, dos primeiros filósofos, porque ela tenta responder a questões que se dirigem diretamente à realidade, e aos desdobramentos dos comportamentos históricos do humano. O que nos leva a empreender uma compreensão de que a teologia transita dentro da arregimentação do conheci-

¹⁵ Cf. A. MURAD; P. R. GOMES; S. RIBEIRO, *A casa da Teologia*. Introdução ecumênica à ciência da fé. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010.

¹⁴ Cf. J. ORTEGA Y GASSET, *Goethe – Dilthey*. Madrid: Alianza, 1983.

mento científico, sendo porquanto, uma *ciência do Espírito*.¹⁴ com categorias especulativas da metafísica tradicional.

Ademais, cabe considerar que, ao argumentar sobre a pertinência da Teologia, seu fundamento estaria também na libertação integral da pessoa humana, tornando-a emancipada e capaz de gerar vida em todas as camadas da sociedade, a saber, social, econômica, política. Desses pressupostos, tiramos o espaço ético das nossas posturas teológicas. Não basta teologizar, pois é fundamental o compromisso das teorias com as demandas, realmente, humanas. O ser humano é maior, supera a dimensão teórica, não se deixa reduzir a ela. Daí existir a necessidade profunda de uma experiência fundante. Pois esta se dá em uma práxis libertadora que o torna livre.

3. Para que Teologia?

É de grande importância questionar qual a representação social da Teologia, qual sua validade no campo geral do saber acadêmico e, sobretudo sua implicação na vida e nos trabalhos pastorais. Uma ideia disso em nossa conjuntura contemporânea é a de que se faz necessário estudar um Ser supremo que continua na vida e no discurso da maioria das populações e, em muitos casos, no discurso e na ação de estados. O binômio distância/ausência desta presença suprema precisa ser aprofundada e sempre mais entendida, mesmo porque por princípio ela é inesgotável. Afirmar e reafirmar o espaço de estudo sistemático da natureza e ação deste Ser, da sua presença histórica e suas manifestações aproxima o estudo da teologia como ciência da fé aprofundando e amadurecendo cada ser em sua particularidade e o coletivo humano, ampliando os horizontes para conhecer como é possível a comunhão com Deus, através de novos elementos que o próprio estudo vai proporcionando.

A teologia como um campo do saber, sistematizado e regido por regras que também se aplicam a outras disciplinas e áreas de conhecimento, tem certamente lugar próprio e relevância entre os outros saberes.

Diante da complexidade do mundo, marcado, muitas vezes, por uma forte tendência alienante, muitos julgam os estudos teológicos como desnecessários ou, até mesmo, como *tempo perdido*. É notável o desenvolvimento humano tecnológico ao longo da história e como isto está se dando de maneira tão acelerada; com todo esse poder de transformação nas mãos, Deus perdeu espaço, já não serve para mais nada,

o homem pode fazer tudo sozinho.

A teologia faz parte daquele campo do conhecimento, que não gera lucro ou que estimula o estudo num mundo que transforma tudo em mercadoria. Porém, frente à pergunta para que estudar teologia há ainda algumas respostas a se dar. Diante disso, é importante destacar a dificuldade de argumentação quando se procura elucidar de maneira coletiva posicionamentos religiosos. É claro que não podemos desprezar experiências pessoais como fonte de argumentação, mas hoje o que se espera são argumentos claros, bem fundamentos, coerentes e equilibrados sobre as razões do que se crê e acredita. Tal questão empreendida baseia-se, a saber, em uma posição privilegiada dos estudos de Teologia que poderíamos cognominar de *Ética do Discurso teológico*.¹⁵ Entendendo que o para que não só empreende o uso prático e teórico, mas algo que enobrece e capacita o Espírito humano a alçar, alavancar altos voos de libertação. A Teologia teria, então, nessa linha de libertação, a capacidade de aprofundar e nutrir as raízes da nossa própria existência. Ao estudar o dado da revelação os homens e mulheres se tornam capazes de alcançar resultados maduros, inseridos, contextualizados, acerca da nossa própria realidade antropológica, social, política, econômica.

Por mais avançado que seja ou esteja o conhecimento humano ele sempre se depara com questões originárias que ocupam um lugar significativo da existência. E buscar conhecimento acerca do assunto ajuda, auxilia a preencher essa lacuna. A teologia, o estudo de Deus, nos ajuda a entender a angústia existencial e, ao mesmo tempo, apresenta uma maneira de compreender as questões originárias, sem a pretensão de ser a única verdade. Não nega a capacidade do homem, mas o faz recordar-se de sua limitação.

Por não ser, por vezes, levada a sério, poucos realmente compreendem que ela se ocupa, de modo especial, do estudo sistematizado da revelação do próprio Deus em sua Palavra na vida do povo. Se considerarmos que Deus é um dos objetos mais importantes de estudo da teologia, podemos inferir que tudo que está abaixo desta ideia pode ser a ela referida neste campo de estudos. Assim, múltiplas referências podem espelhar as discussões da teologia, especialmente as que pedem novas abordagens para novos e velhos problemas. Este estudo nos permite derrubar algumas imagens e pré-conceitos que o nosso meio familiar, social, cultural, religioso nos transmitiu e que nem sempre batem com a realidade. Ao mesmo tempo nos dá as ferramentas para construir novas

¹⁵ Compreende-se, aqui, uma ética do discurso conforme os parâmetros reacionais da Escola de Frankfurt. São sujeitos que se comunicam a partir de um princípio de igualdade e subjetividade.

visões mais abrangentes.

A palavra teologia se refere ao estudo das concepções atribuídas a Deus, é a ciência do absoluto. Não há finalidade maior, a saber, que a teologia ter pretensões de alcançar o conhecimento de Deus, e não há propósito maior para o homem **senão o de conhecer a Deus**. Homens e mulheres têm uma “transcendência natural” que não pode ser entendida com facilidade. O ser humano questiona sua existência e a existência do cosmos onde vive, buscando uma racionalidade na reflexão. Não se deve desprezar este fato plenamente verificável, o de que é o desejo de muitas pessoas ouvirem, ou refletirem, ou ainda, discutirem o que Deus tem a dizer para muitas das angústias de hoje e de todos os tempos.

O conhecimento teológico produz demandas morais na vida de uma pessoa, mas não é propósito maior do que a tarefa teológica de conhecer a revelação verbal, a comunicação de Deus. Por contemplar e discutir essa realidade, ela, conseqüentemente, define e governa cada área da vida e do pensamento. Em nossa cultura já nascemos com uma concepção de Deus, que é um ser super-poderoso, imortal, que nos dá a vida e está nos governando do céu. Essa ideia de Deus nos distancia dele, pois, usamos características que remetem a uma realidade inatingível, incompreensível ao ser humano cheio de limitações.

Ao contrário das ciências da religião, a teologia, considerando a experiência de fé, nos permite “quebrar” preconceitos, lapidar convicções e adaptar posicionamentos que são sacralizados durante nossa vida. A teologia traz em si, um universo especulativo próprio dos discursos metafísicos. O dado da revelação é o limite do possível para nossas hipóteses e nossas conclusões. É necessário, para que possamos conhecer Deus a partir dos termos ou qualidades que usamos quando nos referimos a Ele e como isso nos aproximar d’Ele. É a pessoalidade do mistério, Deus é pessoa, proximidade.

Fazer teologia – como história, letras, psicologia etc. – sistematiza conhecimentos “*generalizáveis*” e aptos a ingressar no patrimônio comum da cultura. A teologia tanto mais será relevante quanto mais fizer pontes de diálogo com as culturas, e, principalmente com a que está inserida, contextualizada. Apesar de nossas resistências e de nosso comodismo, a teologia não pode ser descartada, pois faz parte da vida do homem. Cabe então aos se proporem a este exercício de saber e de fé, caminhar com abertura e maturidade para compreender os sinais revelados por Deus na vida das pessoas, do nosso povo.

A teologia verdadeira é aquela que emancipa o ser humano, a humanidade. Deus por Ele mesmo não é objeto único da nossa reflexão, mas espaço, parceria constante da nossa própria liberdade, que se efetiva diante da contingência do humano e do mundo. Por mais desenvolvido que esteja o pensamento e a técnica, existe uma dimensão transcendental que pede explicações transcendentais, teológicas, o homem e a mulher por si só não pode responder a tudo. A teologia tem a missão, grosso modo, de aproximar um Ser supremo a um ser finito, limitado. É uma ciência que tem sua importância porque trata, mais que de Deus, do ser humano e sua necessidade de conhecer-se desde sua gênese até o ocaso da sua existência.

A teologia tem muito a dizer, não só partindo das bases do Magistério e da Tradição da Igreja, mas também de acordo com os diferentes processos e transformações, dos quais somos testemunhas. A ciência da fé tem muito a falar sobre o homem, sobre as relações que se estabelecem numa sociedade, sobre a justiça, entre outras realidades. São esses então alguns dos motivos que podem justificar e responder à pergunta de por que ainda tem sentido estudar teologia e por que é importante que aquele estudo tenha repercussão na sociedade toda.

A teologia continua a corresponder, especulativamente, com as questões que entrelaçam a realidade humana. Sem perder sua substância principal, sendo ardorosamente fiel aos princípios próprios que seu objeto de estudo lhe exige. A teologia pode dialogar sem medo e com autoridade, em confronto ou complementaridade, com qualquer outro campo do saber. Mas, é fundamental não esquecer a serviço do que ou de quem ela se encontra. Não há dúvida que precipuamente é à fé, mas para sustentar a fé e sua razão de ser, não deve, sob pena de se perder, deixar de cumprir o seu papel de denúncia e redenção de todas as pessoas.

Considerações finais

Na estrada da teologia encontramos o fascínio. A corporeidade, a contingência encontra uma postura de verdade que dá sentido e faz com que reencontremos a partir de redefinições e ressignificações, nosso lugar, nosso espaço de salvação no mundo. A teologia é capaz de requerer um estatuto de cientificidade, ao passo que, ela traz em si uma possibilidade da própria transcendência do homem, do mundo e da própria linguagem. Um teólogo de grande nome, a saber,

Clodovis Boff disse que:

O teólogo é um arquiteto, pois reorganiza o material teológico até que se constitua numa construção orgânica. Contribui, com sua criatividade e competência, para que a comunidade eclesial *faça sua morada em diferentes* contextos sócio-históricos e culturais. Cada casa terá sua forma e padrão, mas será o mesmo lar, onde se vive a fraternidade e se multiplica a boa nova.¹⁶

¹⁶ Cf. J. B. LIBANIO e A. MURAD, *Introdução à teologia*, op. cit., p. 369.

A teologia tem um dever ético de firmar relações de libertação com todas as pessoas. Tal asserção se sustenta na peregrina necessidade de nos tornarmos servidores uns dos outros e em favor da vida e da libertação integral de todo o gênero humano. É função primordial do teólogo a denúncia, o profetismo, em defesa da vida. A coerência do teólogo está em saber assumir a teologia como ciência, para depois traduzi-la em uma linguagem, a do povo de Deus, a dos empobrecidos e marginalizados. Transformando-a em sinal de libertação, não instrumento, mas espírito de liberdade, que só pode brotar do âmago, do mais íntimo do próprio humano. Não reduzimos a teologia à sua transcendência, nem à sua função, mas ao seu objetivo, a sua missão. A teologia não existe para si mesma, mas para a fé, para o amor, o evangelho vivido – um amor *Caritas* que sai de si mesmo e gera vida.

A linguagem é a nossa casa, nossa expressão de comunicação, de atuação na vida. A comunidade é, realmente, o lugar privilegiado da experiência de Deus, sendo assim, também o espaço/lugar teológico, de lá o teólogo emancipado e livre é capaz de traduzir sua experiência de Deus, no humano e na vida. É necessário um anarquismo epistemológico capaz de libertar, de tornar livre o sujeito teológico a partir de uma experiência fundante, que só pode nascer em uma experiência de liberdade. O humano sempre supera e não se deixa reduzir, pois parte do imperativo do sujeito teológico, que é Deus – pura liberdade.

Por fim, percebemos que a teologia não dialoga apenas com magistério da Igreja, com os dogmas ou a tradição. Ela tem um alcance capaz de questionar todos os espaços de produção do conhecimento. Ela continua mantêm correspondência com as realidades, e, principalmente com as esperanças. A teologia, fazendo-se ciência, nos dá as asas da liberdade, da redenção e da transformação, e por isso, deve alcançar todas as pessoas.